



Ocupantes dos barracos que formam a Estrutural II possuem as mesmas características dos moradores da Invasão da Estrutural. A maioria veio do Nordeste, muitos são desempregados e fogem dos preços dos aluguéis

Nova Estrutural tem 1.500 barracos

Invasão no Recanto das Emas conta com luz elétrica, igrejas e líderes dispostos a enfrentar o GDF

ANA SÁ

O Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab) não tem apenas o problema da remoção da invasão da Estrutural para solucionar. No Recanto das Emas existe a segunda maior invasão de Brasília, tão problemática quanto à Estrutural. Localizada numa área verde, os primeiros barracos começaram a ser erguidos há aproximadamente dois anos, no meio do mato. Hoje, já são 1.500 barracos de madeira ou lona com energia elétrica retirada das ligações clandestinas (gambiarras), com igrejas, bares e mercadinhos.

Organizados em associação, os invasores sonham com a regularização de seus "lotes". Um projeto de Lei com essa intenção, de autoria do deputado Adão Xavier (sem partido), já tramita na Câmara Legislativa. "Se o projeto não passar aceitamos outra área desde que seja urbanizada", avisa o presidente da Associação dos Moradores do Setor Área Verde, Dalmo Souza Macêdo.

Dalmo alerta também que qualquer ameaça de remoção sem negociação

haverá resistência dos moradores e que em caso de necessidade, os invasores de recanto das emas contam com a ajuda dos invasores da estrutural. "Temos um pacto de apoio. Se for o caso, eles estarão aqui para ajudar na resistência", disse Dalmo.

Por enquanto não há ameaça de confronto entre invasores e governo. O Idhab está selando os barracos para fazer um levantamento da área, além de uma pesquisa para traçar o perfil das famílias invasoras. O trabalho ontem, contudo, foi suspenso por imposição da diretoria da Associação dos Moradores que exigiu dos funcionários do Idhab o selamento de mais 150 barracos.

Aluguel - A história das 1.500 famílias é uma só - fugir dos altos aluguéis da periferia. "Hoje, 90% dos moradores atendem os critérios exigidos pelo Idhab de cinco anos", garante Dalmo. A maioria é migrante do Nordeste e desempregados. Há barraco que está abrigando até três famílias como a do pedreiro Wellington Ferraz. Há oito meses, ele ocupou um lote e levou a mulher e dois filhos, a irmã Shirley com quatro filhos, além do pai e a madastra. "Não podíamos

pagar mais aluguel", contou Wellington. Ele explicou que nem a irmã nem o pai podiam ocupar outros lotes porque eram da mesma família.

Espresmida num barraco minúsculo também vive a ex-doméstica Maria Leoneda Borges de Lima, com um filho de um ano. No barraco mal cabe a cama que divide com o filho, o fogão e uma pequena estante. "Mas estou muito feliz porque tenho certeza que irei conseguir meu lote", diz Maria Leoneda, que chegou na invasão há oito meses depois de morar de favela com uma em Samambaia.

Na invasão há muitos casos de jovens casais que estão em busca de um lote. Luciene Antonia Alexandre e Arivaldo Vieira da Silva é um deles. Depois que casaram há dois anos e passaram a ocupar um barraco de fundos em Samambaia, descobriram a invasão e a chance de receberem um lote do governo.

A cabeleireira Maria Rosilda da Costa, há 28 anos em Brasília, também ergueu um barraco na invasão na esperança de resolver sua vida. "Só de aluguel pagava R\$ 400 na QNL".

MISÉRIA

O duro dia a dia entre lama e lixo

A nordestina Amélia Sotero de Souza já pagou um preço alto na sua luta por um lote. A sogra conseguiu na justiça a posse dos seus dois filhos, Yale, oito anos e Yago, cinco anos, por viverem num local inadequado. "Invadi porque preciso", justifica Amélia. Ela está desempregada e afirma que não tem como pagar aluguel. "Mas minha sogra não entendeu e por isso perdi a posse de meus filhos", relata.

As condições de moradia dos invasores são péssimas. Piora ainda mais no período chuvoso. A lama está espalhada por toda parte, o lixo se acumula em torno da invasão e não existe sequer fossas improvisadas nos fundos dos barracos. As crianças são as maiores vítimas. Os quatro filhos da diarista Shirley Ferraz, por exemplo, vêm apresentando diariamente sintomas de vômito, diarréia e febre. "Não há como prevenir as doenças, nossas condições de vida são as piores, coisa de bicho, não de gente", reclama a mãe.

Os cinco filhos do pedreiro Antônio Nunes são outro exemplo do sofrimento das famílias da favela. Eles

estão alojados num barraco de lona porque o pedreiro, desempregado, não tem dinheiro para comprar sequer a madeira necessária para erguer uma moradia menos problemática. "Aqui, quem mora em barraco de madeira é rico", ironiza.

Em busca de conforto, cada invasor pagou caro pela instalação da luz elétrica. O casal Luciene e Arivaldo, por exemplo, gastou R\$ 45 com a gambiarra, além de pagar R\$ 1 por mês de taxa de manutenção. O serviço de instalação das gambiarras foi executado por um invasor conhecido como Galego. (AS)



Wellington e Shirley Ferraz são irmãos. Moram num barraco apertado com mais nove pessoas da mesma família

No Recanto, pobre invade pobre

O governo também enfrenta outra ocupação irregular no Recanto das Emas. Mais de 400 famílias invadiram a quadra 405 ocupando os terrenos de quem recebeu nos últimos dias do governo Roriz, o chamado cheque-lote. Apesar de o Instituto de Desenvolvimento Habitacional do DF (Idhab) já ter entregue uma outra área, localizada no triângulo do Recanto das Emas, os ocupantes teimam em permanecer na quadra 405.

"Não vamos sair", garante o novo presidente da Associação dos Moradores, Pedro Carlos Sérgio Alcântara, o Carlão, 30 anos. O primeiro presidente da entidade, o cearense Francisco Cláudio de Almeida, 28 anos, já está morando na quadra 801, no triângulo do Recanto das Emas, para onde o Idhab quer remover todas as famílias da quadra 405. Até agora, apenas 102 famílias acompanharam o ex-presidente da Associação dos Moradores da Quadra 405.

pelos da manhã foi conhecer seu lote no triângulo do Recanto das Emas.

"Nenhuma família quer sair. Já temos direito adquirido. Quando chegamos há dois anos aqui fizemos tudo: abrimos estoradas, cortamos mato e os eucaliptos", reage Carlão. Ele explica que a fixação da quadra já está prevista em projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados. "Há uma intenção dos moradores de radicalizarem a luta pela fixação", disse. Em meio ao impasse, os verdadeiros donos dos lotes já começam a rondar a quadra. O cobrador Nivaldo Cabral, 38 anos, dois filhos e morando de aluguel na QNA, esteve na última terça-feira na sede da associação para saber se existia um lote desocupado.

"Recebi o cheque-lote mas não consigo ocupar meu lote porque foi invadido", relata. O cabo do Exército, Francisco Costa Lima, teve mais sorte. Há um mês seu lote foi desocupado pelo invasor e já está construindo sua casa. (AS)